

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

Rafael Mateus

**Niterói - Rio de Janeiro
Dezembro de 2017**

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA**

O CONCEITO DE VERDADE EM TOMÁS DE AQUINO

Rafael Mateus

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia como requisito parcial para obtenção do Grau de bacharel e licenciado em filosofia.

**Niterói - Rio de Janeiro
Dezembro de 2017**

RESUMO

O presente estudo é uma tentativa de compreender, analisar e esclarecer a importância do conceito de verdade no pensamento do Aquinate. A verdade como sendo uma questão filosófica, não foi apenas pensada pelo então, filósofo e Teólogo Tomás de Aquino, mas por toda tradição filosófica anterior a ele em maior ou menor grau continua a tocar nossos pensamentos nos dias de hoje.

A pesquisa estará centrada na primeira questão do livro que tem como título *sobre a verdade*, especificamente no artigo 1º (*Que é a verdade*) e artigo 2º (*Se a verdade encontra-se antes no intelecto do que nas coisas*) da obra intitulada *De Veritate*. O objetivo é analisar e compreender as questões contidas nos artigos citados acima. Partindo disso e com essas questões em mãos é que a análise sobre tais questões se iniciará, estando assim, o ato de filosofar em um campo de esclarecimento, tornando-se objeto de investigação. O trabalho será construído e conduzido, tendo de um lado uma temática e de outro lado qual é a concepção que o filósofo escolhido tem sobre o conteúdo do assunto abordado, isto é, como pensou e investigou a questão propriamente dita, em nosso caso a Verdade, que será a palavra de ouro do trabalho!

ABSTRACT

The present study is an attempt to understand, analyze and clarify the importance of the concept of truth in the thought of Aquinas. The truth as being a philosophical question was not only thought by the then philosopher and theologian Thomas Aquinas, but by all philosophical tradition before it to a greater or lesser extent continues to touch our thoughts these days.

The research will be centered on the first question of the book that has as title on the truth, specifically in the article 1 (That is the truth) and article 2 (If the truth is in the intellect rather than in the things) of the work titled *De Veritate* . The purpose is to analyze and understand the issues contained in the articles cited above. Starting from this and with these questions at hand is that the analysis on such questions will begin, and thus, the act of philosophizing in a field of enlightenment, becoming the object of investigation. The work will be constructed and conducted, having on one side a theme and on the other hand what is the conception that the chosen philosopher has on the content of the subject addressed, that is how he thought and investigated the question itself, in our case the Truth , which will be the golden word of work!

Rafael Mateus

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia como requisito parcial para obtenção do Grau de bacharel e licenciado em filosofia.

Aprovada em de de 2017 .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Paulo S. Faitanin

Prof. Dr. Fernando J. F. Ribeiro

Prof. Me. Antonio A. Serra.

“Nos non possumus omnia quae sunt in anima nostra uno verbo exprimere, et ideo oportet quod sint plura verba imperfecta, per quae divisim exprimamus omnia quae sint in scientia nostra sunt”

*“Nós não podemos expressar em uma única palavra tudo o que há em nossa alma e devemos valer-nos de muitas palavras imperfeitas e, por isso, exprimimos fragmentária e setorialmente tudo o que conhecemos”
(Tomás de Aquino, De differentia V, 1)*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pelo incentivo e torcida, em especial minha esposa, para quem dedico a maior parte desse trabalho. Pude contar com seu constante e incansável apoio em horas decisivas de angústia e desânimo, quando me senti incentivado por ela, que me animou e suportou todo esse tempo minhas escolhas. Seu amparo nunca me faltou, pois ela sempre esteve em nossas vidas pronta ao diálogo. Essa conquista é nossa! Agradeço aos meus amigos que, por sinal, são poucos e bons; em especial ao meu querido historiador Cristiano Ferreira de Barros, amigo de infância e que desde de lá me proporcionou momentos únicos em minha vida, não só academicamente falando, como pessoalmente, me dando sempre a chance de ser um ser humano melhor em minha caminhada. Agradeço, por fim, a todos que participaram direta e indiretamente desse sonho tão importante para mim. Ninguém é alguém sozinho, ninguém conquista nada sozinho.

Sou muito grato aos meus mestres que, com muita paciência, me ensinaram a dar meus primeiros passos em filosofia. Agradeço ao prof. Dr. Luís Felipe Bellintani Ribeiro, prof. Dr. Paulo Sergio Faitanin, prof. Dr. Antonio Amaral Serra e prof. Dr. Fernando José Fagundes Ribeiro por suas aulas repletas de pensamentos filosóficos, mas também cheias de amor e carinho por nós alunos do curso de Filosofia. Agradeço por vocês exalarem tanta paixão no que fazem e por me alimentarem com tanto amor pelo que escolhi fazer na vida. A todos, muito obrigado!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. VIDA E OBRA.....	13
3. O CONCEITO DE VERDADE EM TOMÁS DE AQUINO.....	19
4. A VERDADE ENCONTRA-SE ANTES NO INTELECTO DO QUE NAS COISAS.....	26
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1- INTRODUÇÃO

A verdade, palavra que em grego significa (alétheia) e em latim (veritas) será o conceito trabalhado nesta monografia e que tem como fio condutor a concepção do filósofo e teólogo Tomás de Aquino. Esta é uma formulação que ao longo da história da filosofia foi elaborada por diversas vezes e em diversos contextos, apontarei algumas com o objetivo de situar em qual delas está fundamentado o pensador em questão e também para esclarecer que Tomás de Aquino não foi o primeiro a trabalhar com o tema da verdade.

O primeiro critério de verdade que nos mostra a história da filosofia é o critério como correspondência, várias foram as formas de se chegar à verdade, ao que se sabe são cinco os conceitos fundamentais utilizados, sendo os dois iniciais os mais propagados, como podemos ver na citação a seguir.

É possível distinguir cinco conceitos fundamentais de Verdade.: 1.º a verdade como correspondência; 2.º a Verdade como revelação; 3.º a Verdade como conformidade a uma regra; 4.º a Verdade como coerência; 5.º a verdade como utilidade. Essas concepções têm importâncias diferentes na história da filosofia: as duas primeiras, em especial a primeira, sem dúvida são as mais difundidas.¹

Portanto, até onde se sabe é Platão o primeiro a elaborar e desenvolver o critério de verdade, o que não quer dizer que ele define a verdade, ou seja, dizendo de forma extremamente objetiva “isso é a verdade” ou “Aquilo é a verdade”, mas desenvolve de forma mais elaborada o critério, que no caso é a correspondência, em sua obra intitulada *Crátilo*. Vejamos:

1º. O conceito de verdade como *correspondência* é o mais antigo e divulgado. Pressuposto por muitas das escolas pré-socráticas, o primeiro a formulá-lo explicitamente foi Platão, na definição do discurso verdadeiro feita em *Crátilo*: “Verdadeiro é o discurso que diz as coisas como são; falso é aquele que as diz como não são.”²

Posteriormente, Aristóteles aprimora e reformula a definição do critério de verdade de seu mestre e também desenvolve sua concepção de verdade afirmando que: “Negar aquilo que é e afirmar aquilo que não é, é falso, enquanto afirmar o que é e negar o que não é, é a

¹ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p. 1182.

² Ibid, p. 1183.

verdade” (Metafísica, IV, 7, 1011 b 26 ss; v. V, 29, 1024 b 25). É de extrema necessidade dizer que Tomás de Aquino carrega consigo também a noção ontológica do ente enquanto ente de Aristóteles, definição que nos permite tomar conhecimento das coisas.

Por sua vez, Tomás de Aquino, retomando uma definição de Isaac Ben Salomon, do século IX, define a verdade como “adequação entre o intelecto e a coisa” (S. Th; I, q. 16, a. 2; Contra Gent; I, 59; De ver; q. I, a. I), mas, ao mesmo tempo que mantém, em relação ao homem, a tese aristotélica de que as coisas - e não o intelecto - são a medida da verdade;[...]³

Em suma, a partir do que já foi exposto inicialmente no trabalho, podemos constatar duas coisas: 1º existe uma história por trás do conceito de verdade. 2º não foi apenas Tomás de Aquino o único a ter uma preocupação mais aprofundada pelo tema, alguns grandes nomes anteriores ao filósofo e que foram respeitados por tal, também tocaram no mesmo tema, tendo suas influências para fundamentar seus pensamentos acerca do mundo e temas filosóficos, como a verdade, concepção tão cara para tantos outros pensadores. Filósofos que se esforçaram para investigar e construir alguns conhecimentos que nos servem como grandes legados.

Entretanto, como falar de um tema tão caro e fundamental aos filósofos, sem fazer um breve retorno na história da filosofia do Ocidente? No nascimento do filosófico Ocidental, constatamos que vários foram os pensadores que tentaram descobrir qual seria o elemento essencial que daria origem ao mundo e as demais coisas que nele (mundo) existem, ou seja, o princípio de todas as coisas. Nesse momento inicial da filosofia, há preocupações que giram em torno do nascimento do mundo e sua harmonia, esses primeiros filósofos conhecidos e chamados de Naturalistas pré-socráticos pela maioria dos estudiosos da tradição filosófica do Ocidente, pensadores da natureza ou filósofos da *Physis*, se esforçaram em resolver aquilo que para eles era o problema fundamental, ou seja, *Qual é o princípio de todas as coisas?*

No que se refere ao conteúdo, a filosofia quer explicar a totalidade das coisas, ou seja, toda a realidade, sem exclusão de partes ou momentos dela. A filosofia, portanto, se distingue das ciências particulares, que assim se chamam exatamente porque se limitam a explicar partes ou setores da realidade, grupos de coisas ou fenômenos. E a pergunta daquele que foi e é considerado como o primeiro dos filósofos - “Qual é o princípio de todas as

³ ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 1183.

coisas?” - mostra a perfeita consciência desse ponto. A filosofia, portanto, propõe-se como objeto a totalidade da realidade e do ser.⁴

Portanto, Tales de Mileto considerado por Aristóteles como sendo o primeiro filósofo da tradição, tendo sua existência datada por volta de 623 a.C. ou 624 a.C. Falecendo aproximadamente em 546 a.C. ou 548 a.C. Com o surgimento da figura de Tales no Ocidente, nascem também as perguntas: Qual seria o elemento primordial da vida? O elemento primordial que daria origem a todas as demais outras coisas geradas no mundo, a *substância* como diria Aristóteles, obedecendo ao grande preceito Grego que “do nada, nada vem”. Para Tales o elemento primordial era a água, posteriormente vieram outros filósofos como: Anaximandro de Mileto o *ápeiron* (Ar), Anaxímenes de Mileto o terceiro representante da cidade de Mileto, assim como Tales, a quem chamam de Anaxímenes de Mileto por também ter sua origem na cidade de Mileto. Anaxímenes acreditava que a *Arché* é o ar infinito que dava origem ao mundo e as coisas nele existente.

Tales de Mileto (fim do VII - primeira metade do séc. VI a.C.) é o criador, do ponto de vista conceitual (mesmo que não ainda do ponto de vista lexical), do problema concernente ao “princípio” (arché), ou seja, a origem de todas as coisas. O “princípio” é, propriamente, aquilo de que derivam e em que se resolvem todas as coisas, e aquilo que permanece imutável mesmo nas várias formas que pouco a pouco assumi. Tales identificou o princípio com a água, pois constatou que o elemento líquido está presente em todo lugar em que há vida, e onde não existe água não existe vida.

Esta realidade originária foi denominada pelos primeiros filósofos de *physis*, ou seja, “natureza”, no sentido antigo e originário do termo, que indica a realidade no seu fundamento. “Físicos”, por conseguinte, foram chamados todos os primeiros filósofos que desenvolveram esta problemática iniciada por Tales.⁵

Procurando a origem do Cosmos, esses primeiros pensadores gregos tão curiosos e questionadores, queriam desvendar o mundo onde viviam e buscam no próprio mundo suas respostas, ou seja, na *imanência*⁶ do próprio mundo o elemento primordial, cada um naquilo

⁴ REALE, GIOVANNI, DARIO ANTISERI, **História da filosofia: filosofia pagã antiga**, v.1. tradução Ivo Storniolo - São Paulo: Paulus, 2003, p.11.

⁵ Ibid, 2003, p.17.

⁶ **Imanência:** (in. Immanence; fr. immanence; al. immanenz; it. Immanenza). Esse termo pode significar: 1º presença da finalidade da ação na ação ou do resultado de uma operação qualquer na operação; 2º limitação do uso de certos princípios à experiência possível e recusa em admitir conhecimentos autênticos que superem os limites de semelhante experiência; 3º resolução da realidade na consciência, ABBAGNANO, NICOLA. *Dicionário de Filosofia*. tradução da 1º edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 6º ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 1183.

que consideravam como sendo o elemento primordial para a existência da vida humana no mundo e sua ordenação.

A partir de Sócrates e outros de sua época como: Diógenes, Demóstenes as preocupações mudam, tais filósofos que têm suas existências datadas acerca do século V a.C dá uma nova face e uma nova direção a filosofia, deixando de lado os antigos temas cosmológicos que eram fundamentais para a filosofia pré-Socrática, para se ocuparem do homem na ágora, do homem em sociedade que se encontra na praça pública, obstinados em saber como podemos viver bem em sociedade, temas como a virtude, alma, conhecimento, brotam da cabeça tanto de Sócrates quanto de seus sucessores, como Platão que tem sua existência datada em 428 e 427 a.C e seu aluno mais notável Aristóteles de 384 - 322 a.C.

Depois de um período de tempo ouvindo a palavra dos últimos Naturalistas, mas sem se considerar de modo algum satisfeito, como já dissemos, Sócrates concentrou definitivamente seu interesse na problemática do homem. Procurando resolver os problemas do “princípio” e da phisys, os Naturalistas se contradisseram a ponto de sustentar tudo e o contrário de tudo (o ser é uno, o ser é múltiplo; nada se move, tudo se move; nada se gera nem se destrói, tudo se gera e tudo se destrói), o que significa que se propuseram problemas insolúveis para o homem. Consequentemente, Sócrates se concentrou no homem, [...]⁷

Toda essa introdução teve como objetivo demonstrar os vários critérios de verdade. Também de forma muito resumida e superficial, discorrer sobre a origem da filosofia grega, por entender que não há como fazer uma história da filosofia em uma introdução, mas que em contrapartida enxergo a necessidade de mostrar que o ato de filosofar, seja partindo de um Monista, ou Pluralista de um Mobilista ou de um Imobilista, tem em sua fundamentação teórica a busca pela verdade e consequentemente pela compreensão do mundo e das coisas. Buscar e compreender a natureza e a origem do mundo, não seria apenas buscar a verdade das coisas, mas tentar compreender qual é o lugar que o homem ocupa no mundo.

⁷ REALE, GIOVANNI, DARIO ANTISERI, **História da filosofia: filosofia pagã antiga**, v.1. tradução Ivo Storniolo - São Paulo: Paulus, 2003, p.94.

2-VIDA E OBRA

Esse capítulo da monografia irá apresentar algumas referências do que foi o filósofo e teólogo Tomás de Aquino, digo algumas, por não ter o objetivo de detalhar toda a vida do pensador. Por isso trarei a tona dados já conhecidos e nada de muito novo será apresentado, mas em contrapartida compreendo que é de primordial relevância esclarecer o contexto em que o conhecido como doutor angélico viveu, para que possamos ler o autor ou autores sejam lá quem for, respeitando seu contexto histórico filosófico e cultural.

Por mais que um autor, seja ele antigo ou medieval tenha muito a nos dizer no século XXI, não podemos cair na armadilha de cobrar deles o que eles, por suas limitações históricas, não podem nos dar, não podendo nós estudantes cair na pretensão de aplicar neles nossos problemas atuais, procurando soluções.

Mesmo pensadores como Aristóteles e Tomás de Aquino tendo muito a nos falar, não podemos acreditar que encontraremos neles fórmulas prontas e corretas para nossos problemas atuais.

Tomás de Aquino foi um dos mais notáveis teólogos e filósofos da Idade Média no século XIII, sobretudo para a igreja católica, chegando a ser canonizado no ano de 1323 pelo papa de então João XXII. Há incertezas sobre a idade em que o filósofo tenha falecido, existem relatos que revela sua morte aos 49 anos e outros (relatos) como o de Ptolomeu de Lucca que afirma seu falecimento aos 50 anos. A primeira informação de sua morte é datada como sendo em 7 de março de 1274, mas não podemos descartar seu nascimento nos anos de 1226 ou 1227. Mesmo havendo divergências e controvérsias no que concerne a data de seu falecimento, Tomás de Aquino não nos permitiu duvidar de sua grande capacidade de filosofar, capacidade tamanha que o fez entrar não somente para a história da igreja, quanto para o pensamento filosófico Ocidental.

Seu primeiro biógrafo nos informa que ele teria morrido na manhã de 7 de março de 1274, antes de completar 49 anos de idade. [...] Bernardo Gui, que escreveu alguns anos depois, também assegura que Tomás falecera ao completar 49 anos, quando iniciava seu 50º ano. Em texto pouco anterior,

ptolomeu de Lucca faz eco à incerteza: “Faleceu com idade de 50 anos, mas alguns dizem 48”⁸

Por fim, se realmente Tomás de Aquino faleceu na data de 7 de março de 1274 e com 49 anos, podemos calcular que tenha nascido entre os anos de 1226 e 1227, como foi citado acima em uma contagem aproximativa. O local onde nascera foi o castelo da família que por sinal era detentora de muitas posses, localizado em Roccasecca na Itália, tendo como pai o senhor Landolfo e a senhora sua mãe Teodora onde formaram uma família de nove irmãos, quatro meninos e cinco meninas, entre eles o pequeno Tomás de Aquino que com aproximadamente 5 e 6 anos de idade foi remetido ao um mosteiro vizinho para se tornar um futuro *abade*⁹. Em 1239 Tomás de Aquino deixa o mosteiro com aproximadamente 14 e 15 anos de idade e é enviado a Nápoles, tendo oportunidade de entrar em contato com os estudos das artes e da filosofia que era pré-requisito para ingressar aos estudos em filosofia.

Tomás pôde então se inscrever no jovem *studium generale* de Nápoles, no Outono de 1239. Fundado em 1224 por Frederico II com o intuito de formar homens para o serviço imperial, destinava-se também a se contrapor à Universidade de Bolonha, e os súditos do imperador não eram autorizados a estudar em outro lugar. Ao chegar, Tomás devia começar pelo estudo das artes e da filosofia, passagem obrigatória antes de abordar a teologia.¹⁰

Foi também em Nápoles que Tomás de Aquino entrou em contato com a ordem dos dominicanos¹¹ desviando todo projeto dos pais, que desejavam outro rumo para sua vida

⁸ TORREL, JEAN-PIERRE. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999, p. 1.

⁹ **Abade**: (Aramaico abba, via gr e lat) sm Superior de uma ordem monástica ou de uma abadia. Fem: abadessa, MICHAELIS: dicionário escolar língua portuguesa - São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008, - (Dicionários Michaelis)

¹⁰ TORREL, JEAN-PIERRE. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999, p. 7.

¹¹ **Domingos (de Guzman), São (c. 1170-1221) Fundador da Ordem Dominicana**. Oriundo de uma família da nobreza castelhana, iniciou sua carreira eclesiástica como pregador e foi cônego (c. 1196) e prior-substituto (1201) de Osma; participou de embaixadas reais ao Languedoc, onde se encontrou com os albigenses; decidido a reconciliá-los com a Igreja, juntou-se à missão Cisterciense e permaneceu no Languedoc até 1217. O começo da Cruzada Albigense (1208) contrariou o trabalho de Domingos, que preferia empregar a lógica, a teologia e o exemplo da pobreza pessoal, em vez do argumento da força, para rebater o catarismo. Assim, resolveu fundar ele próprio uma Ordem caracterizada pela pobreza mendicante, a erudição e a pregação, a qual recebeu a confirmação do papa Honório III em 1216. Ao contrário dos membros de Ordens anteriores, os frades dominicanos (Ordem dos Pregadores ou dos Frades Negros, assim chamados por usarem uma capa negra sobre o hábito branco) não se permitiam a propriedade coletiva e tinham que esmolar o alimento. Seguiam a Regra Agostiniana e recebiam rigorosa formação teológica, com a finalidade de produzir um laicado esclarecido e imune a erros heréticos. A Ordem propagou-se rapidamente por toda a Europa ocidental. Estava dividida em províncias, sob a direção de um provincial-geral, e isenta de jurisdição episcopal. Concentrou-se especialmente em cidades universitárias (Paris, 1217; Bolonha, 1218; Oxford, 1221), produzindo intelectuais da envergadura de Alberto Magno e Tomás de Aquino. Nesse ponto, a Ordem Dominicana divergiu substancialmente da outra e importante Ordem de frades, os

religiosa, tal fato segundo historiadores gerou um escândalo dentro da família que por serem ricos, não queriam que Tomás fizesse voto de pobreza e por sua vez tentaram persuadi-lo e obriga-lo a mudar de idéia, a família de forma forçada deixa o futuro dominicano em uma espécie de prisão domiciliar, trazendo para um linguajar mais atual.

Em Roccasecca, toda família se empenhou em fazê-lo mudar de ideia, mas seria um erro imaginá-lo maltratado e relegado a uma cela. Tratava-se mais de uma designação de residência forçada que de um aprisionamento. Tomás podia ir e vir, receber visitas (reiteradamente as de João de São Juliano, em especial, que lhe trouxe um novo hábito para substituir o seu rasgado) [...]¹²

Várias são as conjecturas que podemos fazer a respeito da perseverança de Tomás de Aquino em seguir sua vocação dominicana e assim mendicante, uma delas é o fato de ser umas das obrigações da ordem o estudo frequente e assim o exercício do intelecto de forma diária, comportamento que Tomás de Aquino já tinha desde cedo em sua vida intelectual. No ano de 1245 o jovem pensador é entregue a ordem dominicana por sua família, que queria demonstrar boa vontade para com a igreja e nesse mesmo ano Tomás de Aquino entra em contato com seus mestres e principalmente com Alberto Magno, que com o passar do tempo e dedicação chega a tornar-se até mesmo assistente de Alberto Magno. Entre os anos de 1251 e 1252, Alberto Magno recebe um pedido para que indicasse alguém para o ensino religioso e pensa de imediato em Tomás de Aquino, que por sinal não tem idade o suficiente para assumir o cargo de docente, mas mesmo assim nesse ano começa a lecionar como bacharel.

Tomás então recebeu ordem de ir imediatamente a Paris e de ali prepara-se para ensinar as *Sentenças* (*ut... ad legendum sententias se pararet*). Começou a ensinar como bacharel em setembro desse mesmo ano de 1252, sob a responsabilidade do mestre Elías Brunet de Bergerac, da região dominicana de provença, que ocupava o lugar deixado vago pela sucessão de Alberto Magno.¹³

franciscanos, que não consideravam a erudição uma parte de sua vocação. Os dominicanos estavam intelectualmente preparados para combater a heresia, mas a conversão acabou dando lugar à repressão, sendo a Inquisição medieval descrita freqüentemente como a Inquisição Dominicana (embora somente uma minoria participasse dela e os franciscanos também estivessem envolvidos na ação inquisitorial). O papel pastoral dos dominicanos deu uma contribuição igualmente significativa para a luta contra a heresia. Do século XIV em diante, apesar de missões na África, Índia e China, a Ordem declinou de importância. Henry R. Loyn; tradução, Álvaro Cabral; revisão técnica, Hilário Franco Júnior. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

¹² TORREL, JEAN-PIERRE. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999, p. 13.

¹³ Ibid, p. 388.

Passado o período de ensinar por supervisão já no ano de 1256 data que gira em torno de 3 de março a 17 de junho, Tomás de Aquino realiza sua aula inaugural tendo como base um texto intitulado *Rigans montes de superioribus suis*. Discurso que deixa claro que a capacidade é dada por Deus, ou seja, Deus é quem capacita e concede sabedoria aos seus escolhidos e todos aqueles que querem viver a luz de sua presença e é através de nossos pedidos e anseios em entender sua palavra e até de comunicá-la que Deus nos capacita.

Em suma, até aqui a preocupação e objetivo da pesquisa foi dar um panorama geral, uma idéia geral de alguns pontos que são considerados importantes para aqueles que tem como objetivo iniciar seus estudos sobre a vida de Tomás de Aquino, foi apontados alguns ocorridos dentre tantos que existiram e continuam a ser comentados por estudiosos. Neste capítulo foram ressaltados: Onde nasceu e as incertezas em torno da idade em que morreu, seu encontro com a ordem dos dominicanos e a relação com a família principalmente depois de sua escolha pela ordem dominicana, o ano em que entra em contato com o mestre Alberto Magno e a data aproximada de sua aula inaugural que tinha como texto base *Principium 'Rigans Monte'* (O princípio de 'irrigar as montanhas') na Universidade de Paris em 1256.

É impressionante a quantidade de textos que foram escritos pelas mãos de Tomás de Aquino e que se divididas e classificadas por áreas, temos: *As Sínteses Teológicas, Questões Disputadas, Comentários Bíblicos, Comentário de Aristóteles, Outros Comentários, Escritos de Polêmicas, Tratados, Cartas e Pareceres, Obras Litúrgicas, Sermões e Preces*. Por bom senso e também por não ser o objetivo principal do trabalho, ou seja, não ter o objetivo de detalhar toda a vida do pensador e suas obras. Não se atendo aos pormenores, citarei de forma resumida, as duas obras mais comentadas e que conseqüentemente se tornaram as mais famosas que Tomás de Aquino escreveu, são elas:

Summa contra gentilis.

Escrita por Tomás de Aquino em sua segunda estada em Paris aproximadamente em 1269 e terminado antes de 1273, sendo por diversas vezes editada é uma obra de maturidade e que faz parte das chamadas sínteses teológicas, *Summa contra gentilis* é um texto completo no sentido de que Tomás de Aquino não tenha deixado o texto incompleto.

A *Summa contra gentilis* é a segunda grande obra pessoal de Tomás, que a releu, modificou e corrigiu em várias ocasiões; dispomos ainda de seu autógrafo para boa parte do texto, de I, 13 a III, 20. a redação original dos 53

primeiro capítulos do livro I remonta ao último ano do primeiro período de ensino parisiense (antes do verão de 1259). na Itália, a partir de 1260, Tomás reviu esses 53 primeiros capítulos e redigiu o restante da obra, concluída com a redação do quarto livro em 1264-1265, muito provavelmente antes da partida de Tomás para Roma (1265). Os três primeiros livros são consagrados às verdades acessíveis à razão humana: o que a razão pode conhecer de Deus (I), do ato criador e de seus efeitos (II), da providência e do governo divino (III); as verdades da fé cristã que ultrapassa o domínio do conhecimento natural constituem a matéria do quarto livro (mistério da Trindade e da Encarnação, sacramentos, fins últimos).¹⁴

Esta obra é tida como sendo de teor teológico e sobretudo nasce de uma inquietação por parte de Raimundo de Peñaforte que se preocupava com a conversão dos judeus, muçulmanos, pagãos¹⁵ e hereges por assim dizer. O aquinate teria escrito o texto a pedido deste confrade, Raimundo de Peñaforte que detinha uma inquietude com a conversão dos gentios que se encontravam perto demais da Espanha, período em que o cristianismo conseqüentemente estava passando por um contexto histórico de recuperação de território, grande parte desses gentios eram pessoas cultas, eruditas e intelectuais muçulmanos e por isso havia uma preocupação também por parte de São Raimundo de Peñaforte em formar e instruir missionários dominicanos para terem a capacidade de debater com esses eruditos não cristão no intuito de refutá-los.

[...] Tomás teria composto esse livro por solicitação de Raimundo de Peñaforte, que, com a intenção de converter o Islã, ainda muito próximo na Espanha, “teria pedido a seu jovem confrade que equipasse os missionário com as armas intelectuais necessárias” [...]¹⁶

¹⁴ TORREL, JEAN-PIERRE. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999, p. 388.

¹⁵ **Paganismo** (do latim *paganus*, aldeão, homem do campo) Termo geralmente aplicado às religiões politeístas, se bem que, durante a Idade Média, referia-se também, com freqüência, a religiões monoteístas não-cristãs (Islamismo e Judaísmo). O paganismo clássico persistiu até o século VI e outros importantes cultos pagãos incluíram os deuses teutônicos dos povos germânicos e o Aesir dos vikings. O avanço do Cristianismo flutuou em toda a Europa, com ocasionais recaídas e incursões pagãs; a Lituânia foi o último baluarte pagão, convertido em 1386. A magia e o ocultismo, freqüentemente associados a religiões pré-cristãs, persistiram, porém, durante toda a Idade Média, mesmo num contexto cristão, e o Cristianismo absorveu e adaptou freqüentemente locais, festividades e práticas pagãos para facilitar a conversão; a fusão inicial produziu amiúde interessantes culturas híbridas. A introdução humanista medieval das obras de autores pagãos clássicos (Platão e Aristóteles) e de escritos judaicos e islâmicos provocou muita polêmica, sobretudo durante o século XIII, e contribuiu de forma significativa para o pensamento medieval. □ **The Conflict between Paganism and Christianity in the Fourth Century**, org. por A.D. Momigliano (1963); P. Brown, *the World of Late Antiquity* 1971, p. 436.

¹⁶ TORREL, JEAN-PIERRE. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999, p. 123.

A *Summa contra os gentios*, divide comentários acerca do objetivo do texto, alguns intelectuais dizem que a obra foi escrita para os não cristão, já outros dizem ser uma obra atemporal e com objetivos bem maiores, que por sinal parece ser o estilo de Tomás de Aquino.

Em 1983, no entanto, A. Patfoort propusera “uma solução intermediária”, que - sem que ele o soubesse, aparentemente - retoma bem de perto a posição de Van Steenberghe, a qual, segundo ele, talvez respeite mais completamente o conjunto de dados disponíveis, e propõe ver nela “uma obra pensada para os não cristão, para infieis [...] Alguns críticos, querendo retornar à intenção simplesmente missionária, não consideram essa tese bem elaborada; a outros, porém “parecem bem convincentes” seus argumentos.¹⁷

Enfim, é sem dúvidas indispensável a leitura da tão falada *Summa contra os gentios* que nos permite compreender o tamanho do conhecimento e profundidade que Tomás de Aquino detinha sobre Deus e sua palavra e também nos permite entrar em contato com um pensador ainda mais maduro, tendo em vista que tal texto é escrito mais para o final da vida e podemos, contudo, observar como era requisitado por seus conhecidos.

Summa Theologiae. (Summa Theologica)

Em segundo lugar temos a *Summa Teológica*. Uma obra de contínua referência para teólogos e filósofos, escrito que desenvolve questões que estão de certa forma amarradas umas com as outras, uma obra como já sabido foi escrita para iniciantes, ou seja, para pessoas que não tinham domínio da teologia se tornando um texto claro e penetrável.

É possível que Tomás de Aquino tenha superestimado suas capacidades, mas ele pensava menos na maior ou na menor dificuldade intrínseca das matérias ensinadas que em sua organização num corpo de doutrina que lhes oferecesse não uma mera sequência de questões justapostas de qualquer forma, mas uma síntese orgânica que lhes permitisse aprender seus vínculos internos de coerência [...] São sem dúvida preocupações de um pedagogo [...]¹⁸

Em síntese, podemos dizer que o grande propósito desta obra seja demonstrar a verdade cristã para aqueles que se iniciam na fé cristã de modo organizado e claro. A obra em questão tem três partes, I) parte desenvolve a questão de Deus e as coisas que procedem dele, a II) parte trata de como o homem a partir de seus atos se encaminha para Deus e a III) parte discorre de Cristo como sendo o mediador do retorno para Deus.

¹⁷ Ibid, p. 125.

¹⁸ Ibid, p. 170 e 171.

A *Summa* de teologia constitui a principal obra de Tomás, na qual trabalhou durante os últimos sete anos de sua vida. posta em andamento depois que Tomás renunciou a continuar o projeto de um segundo comentário das sentenças (1265-1266), a *prima pars* foi composta durante o período de Roma (até setembro de 1268). A segunda *pars* foi redigida em Paris: a *prima secundae*, em 1271, seguida da *Secunda Secundae* (1271-1272). Quanto à *Tertia pars*, provavelmente iniciada em Paris em fins do inverno de 1271-1272, sua redação prosseguiu em Nápoles até 6 de dezembro de 1273, data em que Tomás deixou de escrever. Interrompida no tratado da penitência (*Tertia*, q. 90), a *Summa* foi completada por um *suplemento*,¹⁹ composto por seus discípulos a partir do comentário sobre as Sentenças. [...]

Em síntese, vale ressaltar que as duas obras destacadas acima *Summa contra os gentios* e *Summa Theologiae* encontram-se classificadas entre as sínteses teológicas. Fato esse que talvez contribua de modo a reforçar os preconceitos de alguns intelectuais no tocante a autenticidade de Tomás de Aquino como sendo de um grande filósofo, há quem diga que as obras de Tomás de Aquino não passe de notas de rodapé do filósofo grego Aristóteles, que diga-se de passagem serviu como grande inspiração em sua vida intelectual, ou seja, o fato das duas maiores obras do pensador serem encontradas em uma classificação geral como sínteses teológicas e não catalogada como produções filosóficas contendo um sistema filosófico fechado. Talvez esteja nesta observação uma das várias explicações que diz respeito ao alto grau de desconhecimento em não aceitar e compreender que Tomás de Aquino sobretudo também foi um grande filósofo.

3. O CONCEITO DE VERDADE EM TOMÁS DE AQUINO

De veritate obra usada como fonte primária da pesquisa, encontra-se classificada entre o quadro de *Questões Disputadas*²⁰, é importante enfatizar que as *Questões Disputadas* também são tidas como um gênero literário.

Deve-se acrescentar que é importante estar atento ao fato de a questão disputada ser também um gênero literário. Formados na dialética do pró e do contra [...]²¹

¹⁹ Ibid, p. 389.

²⁰ **As Questões Disputadas** De *veritate* datam dos três anos do primeiro período de ensino magistral de Tomás em Paris, de 1256 a 1259; ainda possuímos o original, ditado para as qq.2 a 2. Esse conjunto de 253 artigos foi reagrupado em 29 questões; a primeira deu nome a toda a série, mas as outras tem com ela uma relação mais ou menos distante. Podemos aí perceber dois grandes blocos: a verdade e o conhecimento (qq. 1-20), o bem e o apetite pelo bem (qq.21-29; ver acima cap. 4 pp. 77-8). É considerável o interesse dessas questões disputadas De *veritate* para compreender a evolução do pensamento do jovem mestre e seu gênio, que se afirma cada vez mais. TORREL, JEAN-PIERRE. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999, p. 390

²¹ Ibid, p. 75.

Portanto, antes de esclarecer como Tomás de Aquino concebe o conceito de verdade é preciso compreendermos como se dá a metodologia argumentativa, ou melhor, a *disputatio*²² recurso metodológico utilizado para se encontrar a verdade, não somente na filosofia como em outros campos do saber na Idade Média, como por exemplo: A teologia etc. É preciso enfatizar que não é apenas nesta obra que o Aquinate utiliza desse recurso como também em outros textos também.

A *disputatio* representa um estágio ainda ulterior nesse “desprendimento progressivo em relação ao texto”, e trata-se de um “processo natural, devido à maturidade do espírito científico medieval e a um maior domínio do método dialético”.²³

O método com que é elaborado o texto, isto é, a forma com que o autor escreve influencia extremamente na forma com que o leitor irá entender o que o Aquinate pretende passar em seu texto, conforme os argumentos são refutados, fica mais claro qual é o pensamento do autor.

No caso de *De veritate* existe uma ordem interna ao longo da obra (Que se segue em outros textos, como por exemplo a *Summa teológica*) isto é, um encadeamento no texto, vindo em Primeiro lugar as *Objeções*²⁴ do latim (*Obiectiones*), estando essas primeiras objeções em uma via oposta a conclusão que irá surgir mais à frente, depois das *Objeções* em segundo lugar vem o chamado *Em Contrário* em latim (*Sed contra*), que consiste na refutação das primeiras *Objeções*. Em terceiro lugar vem a *Solução* (*Responsio*) dada pelo autor sobre a

²² **Disputatio** foi um dos métodos fundamentais do ensino universitário na Idade Média. Suas origens provavelmente remontam à filosofia grega, em particular a Aristóteles, mas foi só no século XI que esse método começou a ser regulamentado por uma técnica *ad hoc*, segundo o modelo do *sic et non* de Abelardo. A dialética, ou seja, a lógica, era habitualmente considerada a técnica desse método, assim definido por João de Salisbury: “A Disputatio se dá em torno das coisas que sejam duvidosas, apresentadas de forma contraditória ou que nos proponhamos demonstrar ou refutar de um método ou de outro”. (Metalogicus, II, 4) ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de Filosofia**. tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 6ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 841.

²³ TORREL, JEAN-PIERRE. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999, p. 72.

²⁴ **Objeção** (in. *Objection*; fr. *Objection*; al. *Einwurf*, it. *Obbiezione*). Argumento cuja conclusão contradiz certa tese. Leibniz já observava que a verdade não pode ser afetada por “O. invencíveis”. “É preciso ceder sempre às demonstrações, quer sejam propostas para afirmar, quer sejam apresentadas em forma de objeções. É injusto e inútil querer enfraquecer as provas dos adversários a pretexto de que são apenas O; visto que o adversário tem o mesmo direito e pode inverter os nomes, honrando seus argumentos com o nome de provas e rebaixando os nossos com o depreciativo de O.” (Théod; Discours, 25), ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de Filosofia**. tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 6ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 841.

questão abordada, onde o Aquinate propõe o que para ele seria a solução da questão levantada anteriormente, o fato de existir apenas um tópico para a solução do problema, não significa exclusão dos outros tópicos do texto, isto é, as outras indagações do texto estão extremamente conectadas umas com as outras. Ainda temos em quarto lugar as *Resposta às Objeções* que consiste ser uma réplica ou uma explicação as objeções e por fim a *Resposta aos argumentos em contrário* vejamos o exemplo do primeiro argumento encontrado nas objeções e o desenvolvimento dado pelo Aquinate no decorrer do texto:

Primeira questão - Sobre a verdade

Artigo 1

Que é a verdade?

Parece que o verdadeiro é totalmente idêntico ao ente.

Objeções

1. Agostinho [Soliloquiorum II, 5] diz que “o verdadeiro é aquilo que é”; mas aquilo que é, é precisamente o ente: portanto verdadeiro significa totalmente o mesmo que ente.²⁵

Essa citação acima nos mostra o primeiro argumento do artigo 1 sobre a verdade, que se encontra na *Objeção*, que como a nota de rodapé explicativa nos esclarece é uma premissa que em sua finalização é contrária à tese principal proposta ou como a própria explicação nos diz “contradiz certa tese”. Desta forma, desenvolve o filósofo o método ou esquema argumentativo que independente de qualquer obra é de suma importância ressaltar que:

1. Tomás de Aquino transporta para o texto as maiores autoridades independente da época em que essa autoridade intelectual se encontre, isto é, suas maiores referências intelectuais, como por exemplo: *Agostinho de Hipona* (354 d.C - 430 d.C), *Aristóteles* (384 a.C - 322 a.C), *Avicena* onde viveu entre (980 d.C - 1037) e *Boécio* (480 d.C e 524 - 525 d.C), esses são alguns exemplos de pensadores.

²⁵ AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 139.

2. Há uma preocupação e uma seriedade por parte do Aquinate em buscar os melhores argumentos que contradizem suas teses. Isto mostra que tamanha era a sua honestidade intelectual e seu extremo comprometimento com a verdade.

Essas duas observações servem para nos dar a idéia da tamanha seriedade que tinha o Tomás de Aquino em demonstrar suas posições. Depois de listar uma série de argumentos nas objeções, logo em seguida encontram-se os argumentos chamados de “Em contrário” em Latim (*Sed Contra*), ou seja, alegações ou argumentos que são opostos as primeiras afirmações que se encontram nas objeções, onde novamente o Aquinate lista uma série de alegações inversas rebatendo as primeiras objeções vejamos o exemplo da primeira objeção feita no *Em contrário*:

Primeira questão - Sobre a verdade

Artigo 1

Que é a verdade?

Parece que o verdadeiro é totalmente idêntico ao ente.

Em contrário

1. É uma banalidade a repetição inútil do mesmo; se, pois, o verdadeiro fosse idêntico ao ente, dizer que o ente é verdadeiro seria banal: o que não é verdade. Portanto não são idênticos.²⁶

Enfim, analisemos o contra argumento: Como podemos ver na primeira citação, do primeiro argumento extraído das *Objeções* sendo assim a primeira alegação. Tomás de Aquino expõe um argumento de Agostinho onde “o verdadeiro é aquilo que é” e “portanto verdadeiro significa totalmente o mesmo que ente²⁷”. Em seguida no primeiro argumento do

²⁶ AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 143.

²⁷ **Ente**: O que é, em qualquer dos significados existenciais de ser. As vezes, mas raramente, essa palavra é usada para designar somente Deus: é o que faz Gioberti, em sua fórmula ideal: “o E. cria o existente” (*Introduzione allo studio Della fil; II, p. 183*): onde “E.” equivale a Deus, como ser necessário e, “existente” equivale as coisas criadas. Habitualmente essa palavra é usada em sentido mais geral. Diz Heidegger: “Chamamos de E. muitas coisas, em sentidos diferentes. E. é tudo aquilo de que falamos, aquilo a que, de um modo ou de outro, nos referimos; E. é também o que e como nós mesmos somos” (*Sein und Zeit, 2*). Mas nesse sentido generalíssimo prefere-se hoje a palavra *entidade*, ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de Filosofia**. tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 6ª ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 387.

Em Contrário o Aquinate reconhece ser uma trivialidade a repetição, de que o verdadeiro seja semelhante ao ente, afirmando: “Portanto não são idênticos”.

Em seguida, logo após a solução encontramos a *Resposta às objeções* e vejamos o que Aquinate afirma:

Aquela definição de Agostinho é dada à verdade segundo seu fundamento na realidade e não segundo o cumprimento da noção de verdadeiro na adequação da coisa ao intelecto. ou também se pode dizer que, ao se afirmar que o verdadeiro é aquilo que é, o “é” não indica o ato de ser, mas é uma nota do intelecto componente, significando assim a afirmação da proposição, de modo que o sentido é: O verdadeiro é aquilo que é, ou seja, quando de alguma coisa que é, diz-se que é; e assim a definição de Agostinho coincide com a citada por Aristóteles.

No entanto, em *resposta às objeções* Aquinate esclarece a definição de verdade dada por Agostinho, onde a verdade possui seu princípio na realidade e não na adequação como nos mostra Tomás de Aquino na segunda definição “*A segunda definição assenta naquilo em que formalmente se realiza a noção de verdadeiro, e assim diz Ysaac que “a verdade é a adequação da coisa e do intelecto”*”

Portanto, na *solução* o Aquinate resolve a questão e conclui que há três definições da verdade e são elas.

A primeira definição assenta no que precede a noção de verdade e na qual se fundamenta o verdadeiro, e assim Agostinho define [*Soliloquiorum* II, 5]: “Verdadeiro é o que é”, e Avicena [*Metaphysica* VIII, 6]: “A verdade de qualquer coisa é a propriedade do ser que lhe foi assinalada”, e outras definições como: “O verdadeiro é a indivisão do ser e daquilo que é.”²⁹

Não vamos aqui entrar no mérito do que venha a ser verdade para cada uma das autoridades intelectuais na qual Tomás de Aquino utiliza para sustentar as definições, mas analisaremos somente as premissas de forma específica e isolada.

Nesta primeira definição que o Aquinate nos apresenta é usada uma noção do que venha ser o verdadeiro para o filósofo Agostinho de Hipona, onde o mesmo afirma que “Verdadeiro é o que é”, vejamos, Agostinho não diz “*Verdade é o que é*” ele usa o termo “*Verdadeiro*”, que claramente se trata de um *adjetivo*, isto é, algo voltado para um discurso ou

²⁸ AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 151.

²⁹ Ibid, 2011, p. 149.

pensamento e não propriamente o *substantivo* verdade, esse é o primeiro aspecto que chama atenção na primeira alegação que é trazida, para sustentar a primeira definição.

A segunda autoridade trazida pelo Aquinate é Avicena que diz “A verdade de qualquer coisa é a propriedade do ser que lhe foi assinalada” novamente nos leva a entender que a verdade é apontada, indicada, mostrada por alguém.

A terceira premissa que é utilizada para sustentar a definição nos remete a idéia que o verdadeiro é a não divisão daquilo que é, ou seja, se algo é dividido ele deixa de ser *Uno*³⁰, trazendo a ideia da figura do grande representante da escola Eleata Parmênides³¹ que pensou o *Ser*³²³³ como sendo algo que é e foi desde sempre, ou seja, o ser não pode ter vindo a ser, porque se o ser tivesse vindo a ser ou ele teria vindo a ser do ser ou do não ser, do não ser ele não pode ter vindo a ser, porque do nada nada vem, e se o não ser fosse capaz de gerar alguma coisa, ele não seria o não ser, mas sim o ser, e muito menos do ser ele teria vindo, ou seja, se o ser veio do ser ele já era antes, isto é, o ser não veio do ser nem do não ser, ele não veio de lugar nenhum, pois o ser simplesmente *É* aquilo que ele *É*. Havendo assim uma unidade do

³⁰ **Uno:** A ideia de uno como “o uno” ou “unidade primordial” foi desenvolvida por alguns filósofos pré-socráticos que consideraram o uno como a propriedade de tudo o que é, do universo em conjunto, quer dizer, enquanto uno ou unidade. Parmênides fundou grande parte da sua doutrina da verdade no conceito de uno. Com efeito, o que é uno não pode ser múltiplo, pois precisamente o uno se opõe ao múltiplo, que é o reino da ilusão e da opinião, FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia**, vol. 1. Buenos Aires: editora sudamericana, 1965.

³¹ **Parmênides de Eléia:** (n. c.515 a.C.) Provavelmente o mais importante dos pré-socráticos. Em seu poema *Da natureza*, uma deusa ensina-lhe que a realidade tem necessariamente de ser, ou de não ser, ou ao mesmo tempo ser e não ser, o que é impossível. Dada a primeira opção, pode-se deduzir que o que é real tem de ser incriado, imperecível, indivisível, perfeito e imóvel. Esta concepção, o Uno de Parmênides, opõe-se de maneira óbvia às aparências relativas e ilusórias das coisas, que surgem apenas através da oposição entre a Luz e a Noite, duas formas igualmente irrealis. No legado de Parmênides encontra-se uma consciência profunda do conflito entre a razão e a experiência, e da natureza potencialmente ilusória da segunda. Se, como disse Whitehead, a filosofia ocidental é uma série de notas de rodapé a Platão, podemos acrescentar que Platão é muitas vezes uma série de comentários a Parmênides; pelo menos, é evidente que a oposição entre o mundo perceptível e mutável e o mundo inteligível, imutável e eterno tem alimentado desde então a filosofia. Os argumentos de zenão contra a realidade do movimento são habitualmente interpretados como uma parte da defesa do sistema de parmênides, embora seja provável que o próprio Zenão não tenha se deixado convencer nem pelo monismo, nem pelo pluralismo. BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

³² **Ser:** 1. Preliminarmente, convém distinguir os dois usos fundamentais desse termo: 1º) o uso *predicativo*, em virtude do qual dizemos “Sócrates é homem”, ou “a rosa é vermelha”; 2º) o uso *existencial*, em virtude do qual dizemos “Sócrates é” (=existe) ou “a rosa é” (=existe). Embora nem sempre explicitamente formulada, essa distinção é assumida ou pressuposta quase universalmente. Em *Parmênides*, Platão dá destaque à diferença entre a hipótese “o um é”; nesta última “é” significa “participação no S.” (Parm; 137 e; 142 b). [...]

³³ Convém frisar que o termo explicado na nota de rodapé anterior, obtém uma extensa história e por isso foi destacado alguns aspectos somente do termo em a Aristóteles e Platão.

ser, ou seja, ele é *Uno*, ele não nasce nem morre sendo sendo assim *Eterno* e como sempre foi e sempre será existe um repouso, uma ausência de movimento, o ser ele é também Imóvel. Observemos a segunda definição:

A segunda definição assenta naquilo em que formalmente se realiza a noção de verdadeiro, e assim diz Ysaac que “a verdade é a adequação da coisa e do intelecto”, e Anselmo [De veritate 11]: “A verdade é a retidão perceptível só pela mente” - efetivamente esta retidão diz-se segundo uma certa adequação -; e o filósofo diz [IV Metaph. 16], que definimos o verdadeiro quando dizemos que é aquilo que é ou que não é aquilo que não é.³⁴

No entanto, na segunda definição o Aquinate nos apresenta e estabelece a verdade como sendo uma *adequação*³⁵ (adaequatio) termo encontrado em um pensador dos meados do século X chamado Isaac Israeli, que viveu no Egito entre os anos de 845 e 940, em sua obra intitulada *Liber de definitionibus* Isaac Israeli ao definir verdade usa o termo *adequação*, estando a verdade em uma “adequação entre o intelecto e a coisa”. Ao analisarmos a proposição do pensador Isaac Israeli. podemos concluir que há uma relação³⁶ e se existe uma relação temos que admitir que a verdade não é apenas algo isolado, pois se encontra na *adequação*, o que significa, que adequação é uns dos critérios para se alcançar a verdade, ou seja, para que nós seres humanos obtenha a verdade e para consequentemente chegarmos ao conhecimento das coisas do mundo é preciso que haja uma adequação entre o intelecto e as coisas no mundo, ou seja, é preciso termos contatos com os entes. Ao que parece o termo *adequação* utilizado para definir a verdade ou o verdadeiro tem o sentido de: correspondência, conformidade e acordo. Examinemos a terceira definição:

³⁴ AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 149.

³⁵ **Adequação** (Lat. Adaequatio; in. Adequation; fr. Adéquation; al. Übereinstimmung; it. Adequazione). Um dos critérios de verdade, mais precisamente aquele segundo o qual um conhecimento é verdadeiro se está adequado ao objeto, isto é, se lhe é apropriado e correspondente de tal modo que reproduz o mais possível a sua natureza. A definição da verdade como “adequação entre intelecto e coisa” foi apresentada pela primeira vez pelo filósofo hebreu Isac Ben Salomão Israel (que viveu no Egito entre 845 e 940) no seu *Liber de definitionibus*. [...], ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de Filosofia**. tradução da 1º edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 6º ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 16.

³⁶ **Relação** [...] Modo de ser ou de comportar-se dos objetos entre si. Esta definição não passa de esclarecimento verbal do termo, que não pode ser definido em geral de outro modo, ou seja, fora das interpretações específicas que os filósofos lhe deram. Está é, aliás, a definição de Peirce. “R. é um fato em torno de certo número de coisas” (Coll. Pap; 3.416), ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de Filosofia**. tradução da 1º edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. - 6º ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 990.

A terceira definição assenta no efeito consequente, e assim Hilário [De Trinitate V, 3] diz: “O verdadeiro é declarativo e manifestativo do ser”, e Agostinho [De vera religione 36]: “A verdade é aquilo pelo qual se mostra o que é”, e no mesmo livro [36]: “A verdade é aquilo pelo qual julgamos as coisas inferiores”

Na terceira definição somos novamente levados a compreender que o verdadeiro como é dito na citação usada pelo Aquinate é algo *declarativo*, ou seja, algo afirmado e novamente resultando no uso de um adjetivo para definir algo como sendo verdadeiro, conjuntamente é utilizada a palavra *manifestativo*, nos remetendo a idéia que há algo verdadeiro no próprio ser das coisas, isto é, a verdade existe a princípio na *realidade*, como se a verdade ou verdadeiro fosse originário do real, a existência dos entes é a nascente da verdade e consequentemente do verdadeiro. O que não descarta como podemos analisar a premissa seguinte de Agostinho “*A verdade é aquilo pelo qual julgamos...*”. Presumindo-se que existe uma natureza proposital e intencional no ato de conhecer, isto é, se julgamos e, como efeito, conhecemos é porque premeditamos esse conhecimento, já que julgar é da ordem do intelecto, sucedendo que a *verdade* é um atributo do intelecto em seus julgamentos.

4. SE A VERDADE ENCONTRA-SE ANTES NO INTELECTO DO QUE NAS COISAS

De imediato, neste segundo e último artigo que analisaremos de agora em diante, observando a respeito do título concedido ao artigo, podemos constatar logo a influência de Aristóteles na vida intelectual de Tomás de Aquino, sobre o ponto de vista que, tentar entender onde se encontra ou se origina a verdade, “*se a verdade encontra-se antes no intelecto do que nas coisas*” como decorre a elaboração do problema é de fato, consequentemente um cuidado Aristotélico por excelência. Vejamos o que diz Aristóteles com relação ao desejo de conhecer a origem ou o princípio das coisas, no que diz respeito ao exercício do filosofar:

Todavia, a ciência tem como objeto, essencialmente, o que é primeiro, ou seja, aquilo de que depende e pelo que é denominado todo o resto. Portanto, se o primeiro é a substância,³⁷ o filósofo deverá conhecer as causas e os princípios da substância.

É evidente que Aristóteles nesse trecho refere-se ao princípio da substância, mas isso não exclui a notória atenção ao princípio das coisas existente da filosofia de Aristóteles, tal

³⁷ **Metafísica, IV, 2, 1003 b 15-20**

importância persiste em outras passagens na qual Aristóteles se refere ao princípio das coisas, isto é, se não conhecemos o princípio não sabemos o que é a coisa (*Ousia*) apenas seu efeito.

Para reforçar a questão de que Aristóteles dava tamanho cuidado ao princípio, analisemos como ele define a tão importante, falada e discutida metafísica:

Existe uma ciência que considera o ser enquanto ser e as propriedades que lhe competem enquanto tal. Ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares: de fato nenhuma das outras ciências considera universalmente o ser enquanto ser, mas, delimitando uma parte dele, cada uma estuda, as características dessa parte. Assim o fazem, por exemplo, as matemáticas.

Ora, dado que buscamos as causas e os princípios supremos, é evidente que estes devem ser causas e princípios de uma realidade que é por si. Se também os que buscavam os elementos dos seres, buscavam esses princípios supremos, necessariamente aqueles elementos não eram do ser acidental, mas do ser enquanto ser. Portanto, também nós devemos buscar as causas do ser enquanto ser.³⁸

Não obstante, o Aquinate tem como objetivo deixar claro a compreensão que obteve através de suas investigações, ou seja, apresentar uma solução para a questão levantada. A seguir temos a seguinte assertiva:

[...] diz que o bem e o mal são nas coisas, o verdadeiro e o falso porém na mente. Ora, uma coisa só se diz verdadeira enquanto é adequada ao intelecto, pelo que o verdadeiro encontra-se nas coisas posteriormente, primeiramente no intelecto.³⁹

Desse modo, ao trazer à tona a noção de adequação a primeira coisa que tal concepção nos leva a pensar é que há uma relação entre o intelecto e as coisas existentes e que as coisas presentes no mundo não estão isoladas. Os Entes percebidos diante de mim não precisam do meu intelecto para existir, o mundo não é uma projeção da minha mente ou Ego cogitante, mas ao mesmo tempo preciso do intelecto para atribuir valor às coisas apreendidas pelo meu intelecto e conceder assim valor de verdade.

Pois todo conhecimento realiza-se pela assimilação do cognoscente à coisa conhecida, de modo que a assimilação diz causa do conhecimento: por exemplo a vista, capacitada para a cor, conhece a cor. A primeira consideração quanto a ente e intelecto é pois que o ente concorde com intelecto: esta concordância diz-se adequação do intelecto e da coisa, e nela formalmente realiza-se a noção de verdadeiro.⁴⁰

³⁸ **Metafísica, IV, 2, 1003 b 20-30**

³⁹ AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 161.

⁴⁰ Ibid, p. 149.

O fundamento do pensar é o ser, se não houvesse o ser estaríamos impossibilitados de pensar, porque não haveria fundamento para o pensamento humano, pois, ainda que podemos pensar, não poderemos conhecer, pelo simples fato de não ter existência, como pensar sem a realidade? sem ela haveria para nós a impossibilidade do pensamento, sobre tal ponto de vista.

O fato de poder duvidar da realidade não significa que ela a realidade não exista! As coisas de fato são ou é, existem no mundo por assim dizer.

Sobre o ponto de vista da citação acima, a verdade tem como princípio as coisas existente no mundo e se dá fundamentalmente no intelecto. Desse modo a verdade encontra-se nas coisas, captada pelo intelecto, que estejam em adequação, isto é, desde que haja uma relação ou uma correspondência como já foi dito.

Vejamos outra afirmação crucial para o entendimento da questão:

Ora, a primeira noção de verdade inere à coisa antes da segunda, porque primeiro é a comparação da coisa com o intelecto divino do que com o humano: daí que, mesmo que não existisse intelecto humano, as coisas dir-se-iam ainda verdadeiras em ordem ao intelecto divino; mas se ambos os intelectos, permanecendo as coisas, o que é impossível, fossem eliminados, de nenhum modo permaneceria a noção de verdade.⁴¹

Em suma, a noção de verdade segundo Tomás de Aquino encontra-se no intelecto humano, isto é, se apenas o mundo existisse a noção de verdade que é próprio do intelecto humano não existiria, a natureza do mundo é existente e o intelecto humano, por sua vez, busca através de uma (adaequatio), uma adequação o que venha a ser verdadeiro ou falso; e é inclusive por termos a possibilidade do falso em nossa mente que buscamos nas coisas o verdadeiro, examinemos:

[...] O complemento de qualquer movimento ou operação está em seu término. [...]⁴²

Não obstante, é preciso que o que concebe o intelecto da realidade sensível se adeque à realidade mesma, de tal modo que adequação do intelecto com a coisa cognoscível. Um dos exemplos mais célebres é a jornada do homem à lua, o ser humano teve que desenvolver a

⁴¹ AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 163.

⁴² Ibid, p. 161.

capacidade de encontrar a resposta para o obstáculo que o impedia para tal feito, ou seja, entendendo o funcionamento da natureza e suas leis no caso a gravidade é que o homem conseguiu realizar seu objetivo de deslocar-se até a lua.

No entanto, podemos dizer que a gravidade é algo verdadeiro e que as experiências, tentativas e ensaios, geraram toda uma ciência e que o humano pode através do intelecto chegar ao um conhecimento sobre a natureza do mundo.

Em síntese, se como bem vimos na primeira definição dos critérios de verdade o argumento de Agostinho de Hipona que diz: [...] “*Verdadeiro é o que é*” [...] e Avisena também assegura: [...] “*A verdade de qualquer coisa é a propriedade do ser que lhe foi assinalada*” [...] e outras como [...] “*O verdadeiro é a indivisão do ser e daquilo que é.*” [...]

Somente podemos evidenciar que a noção de verdade se encontra no intelecto e é ele (Intelecto) quem se adequa às coisas do mundo, não sendo assim a verdade algo isolada do mundo e que muito menos se encontra somente nas coisas, como se fosse a realidade uma fonte que está a nossa disposição pronta para emanar verdade.

Em suma, é fato que o mundo e as coisas que nele existem não precisam se justificar ou melhor dizendo, não necessitam de uma auto justificativa, mas como bem sabemos e que aliás foi mostrado no início do trabalho, os homens sim precisam e buscam uma veracidade, uma autenticidade, uma precisão, ou seja, a verdade, essa vontade ou desejo é recorrente da alma humana e que através do intelecto podemos conhecer as coisas. Vejamos como diz Tomás de Aquino a esse respeito:

O movimento pois da faculdade cognoscitiva termina na alma- é preciso efetivamente que o conhecimento seja no cognoscente segundo o modo do cognoscente-, enquanto o movimento da faculdade apetitiva termina na coisa: por isso o Filósofo [III De anima 15] estabelece um certo círculo nos atos da alma: a coisa fora da alma move o intelecto, a coisa entendida move o apetite, o apetite tende à coisa da qual o movimento principiou. E o bem, como se disse, indica o ajustar-se do ente ao apetite, o verdadeiro do ente ao intelecto. [...]

Tomás de Aquino nos provoca a entender que a primeira coisa e mais evidente de toda a realidade é o *Ente* e que sua proposta teórica pode em termos ter sido ampliada ou questionada, mas o doutor angélico deixou sua marca no mundo escrevendo e refletindo

demandas tão grandiosas como da verdade, expondo que no caso do 2º artigo a verdade realiza-se em nosso intelecto, já que o processo de conhecimento conclui-se na alma humana.

Todavia, é importante salientar também que nesse mesmo artigo o Aquinate considera que há diferenças entre o intelecto prático e o especulativo, no qual o intelecto prático move as coisas quando fazemos ciência, artes e até a própria ética. vejamos o que diz o Aquinate a respeito:

Mas é preciso saber que a coisa relaciona-se de um modo com o intelecto prático e de outro com o especulativo: pois o intelecto prático causa a coisa, daí que é medida das coisas que são feitas pelo mesmo; enquanto o especulativo, porque recebe das coisas, é de certo modo movido por elas [...]

No entanto, o intelecto especulativo é motivado por ele e é através desse movimento conseguimos ter contato com a verdade e assim conhecer as coisas existentes a partir dos princípios racionais, principalmente do princípio de não-contradição. Apenas uma pequena observação já que a maior parte desse artigo trata de onde se encontra a verdade

⁴³ AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 161.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual investigação objetivou analisar, esclarecer e compreender a importância do conceito de verdade no pensamento do Aquinate e como ele fundamenta tal conceito no que se refere ao 1º artigo e conseqüentemente no 2º artigo da questão disputada “sobre a verdade”

É com um profundo sentimento de dever cumprido no que diz respeito ao objetivo da pesquisa, isto é, propósito de mostrar a significativa colaboração de Tomás de Aquino para o tema, como também descobri, que devemos manter uma postura humilde, no que tange a filosofia e bem como nesta temática, tão vasta, me restando o dever de respeitar os pensadores independente de sua época, cor, classe social, etnia ou credo religioso. Abrindo assim o que é uma das funções da filosofia e dever dentre outros de cada filósofo ou estudante, seja de qual área for, expandir o campo de debate e reflexões, para que assim possa se pensar de forma clara, respeitosa e porque não, prazerosa.

Portanto, agindo de forma respeitosa ao ponto de não desmerecer alguns em detrimento de outros, sem hierarquizar as pessoas e suas maneiras de pensar, criando uma espécie de pódio filosófico e colocando nele quem merece estar ou não nos primeiros lugares, quem merece ou não o título de filósofo, dizendo o que é e o que não é filosofia. Decerto tal postura possa nos possibilitar estar filosofando na busca de tentar encontrar o que é filosofia e suas funções e investigar outros motes como: tentar nos certificar a respeito do nascimento da filosofia em uma tentativa de encontrar suas origens, quem foi verdadeiramente filósofo ou não.

Contudo, podemos acabar por cair numa esparrela de empobrecer a filosofia, retirando dela toda sua potência que é a capacidade que ela (filosofia) tem em nos fazer raciocinar de forma profunda, ao ponto de nos proporcionar grandes reflexões em uma realidade aparentemente banal, cotidiana, vulgar e até medíocre. A respeito disso, diz o filósofo Schopenhauer:

De modo geral, não é a observação de fenômenos raros e escondidos que só são apresentáveis por meio de experimentos que serve para a descoberta das mais importantes verdades, mas a observação daqueles fenômenos que são evidentes e acessíveis a todos. Por isso a tarefa não é ver o que ninguém viu

ainda, mas pensar aquilo que ninguém pensou a respeito daquilo que todo mundo vê. (grifos do autor)⁴⁴

À vista disso, não nos resta dúvidas que vivemos em uma sociedade predominantemente fugaz, na qual, muitas coisas já nos são oferecidas de maneiras prontas e rápidas, principalmente pelo modo de vida da maioria da população que não se veem com tempo para si próprias e acabam por viverem como se tivessem que escolher uma refeição em um cardápio de lanchonete ‘fast food’. Tal crítica toca no que diz respeito a primazia desse modo de se viver.

No entanto, depois de ter mergulhado em águas tão profundas, tive a determinação de trazer à superfície uma pedra preciosa que mesmo precisando ainda ser lapidada nos dá uma generosa contribuição no que se refere a um tema tão importante para a história não só da filosofia como da humanidade como um todo.

Conduzir para o campo do real e ver de forma material a construção desse trabalho que às duras penas buscou nas palavras dos grandes mestres da humanidade e assim fez surgir um sentimento de muita honra, um processo que além de extrema satisfação intelectual me fez ser um ser humano ainda melhor, porque me deu a oportunidade de saber um pouco da história e ter conhecimento dos vários conceitos atribuídos a verdade, sobretudo o da verdade como correspondência, saber que essa palavra tão valiosa e que falta tanto nos dias de hoje, foi tratada como sendo a palavra de ouro na pesquisa!

Contudo, não foi de modo algum, pretensão do trabalho fechar a questão, até por entender que em filosofia nada é tão fechado e acabado ao ponto de se vedar uma questão e que tudo é muito controverso, algo que pode ser de extremo valor para um, não tem tanta relevância para outros. Aliás, quando se trata de seres humanos nada é muito no preto e no branco simples de compreender e solucionar.

⁴⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

AQUINO, Tomás de. **Verdade e Conhecimento**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia**, vol. 1. Buenos Aires: editora sudamericana, 1965.

LOYN, Henry R. (org.) **Dicionário da Idade Média**. Jorge Zahar Editor, 1989.

MICHAELIS: dicionário escolar língua portuguesa - São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MOMIGLIANO, A. et al. **El conflicto entre paganismo y el cristianismo en el siglo IV**. Madrid: Alianza, 1989

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da filosofia: filosofia pagã antiga - Vol. 1**. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média - Vol. 2**. São Paulo: Paulus, 1990.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: UNESP, 2005.

TORREL, Jean-Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e obra**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999.